



## ***The influencing machines:*** **delírios de resistência na obra eletrônica de Zoe Beloff**

Poliana Barbosa Martins de Oliveira (Mestre em Letras)  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

### **Resumo:**

Ainda muito desconhecida e pouco estudada, a literatura eletrônica constitui um gênero literário em franca expansão na internet. Dotada de características peculiares, ela pode surpreender as expectativas de um leitor incipiente. Apesar de ser *digital born* – produzida e fruída estritamente em meio virtual –, apresenta um forte componente realista, apresentando-se não raro como criações intervencionistas, políticas e performáticas. A temática biográfica e/ou histórica também é frequente e corrobora essa tendência crítica próxima do manifesto que vem dominando as produções esteticamente mais representativas do gênero. Neste ensaio, investigamos a obra *The influencing machine of Miss Natalija A.* (2001), de Zoe Beloff, um texto construído em torno de uma história verdadeira: a do tratamento psicanalítico de Miss Natalija A., paciente de Victor Tausk, brilhante psiquiatra que rivalizou com Sigmund Freud na interpretação da esquizofrenia. Autor do ensaio “On the origin of the ‘influencing machine’ in schizophrenia”, o também amante de Lou Andreas-Salomé cometeu suicídio, deixando para trás um grande mistério envolvendo sua vida pessoal e o rumo de suas pesquisas no esclarecimento da doença mental.

**Palavras-chave:** *The influencing machine*; Zoe Beloff; literatura eletrônica; psicanálise; esquizofrenia; Victor Tausk; Sigmund Freud; Natalija A.

### **Abstract:**

Still largely unknown and little studied, electronic literature is a literary genre in broad expansion on the Internet. Endowed with unique characteristics, it may surprise an incipient reader's expectations. Despite being digital born - produced and supported strictly in a virtual space – these electronic works carry a strong realistic component, often presenting themselves as interventionist, political and performatic creations. The biographical and / or historical theme is also frequent and authenticates the critical trend, almost manifest like, that has dominated the most representative, aesthetically speaking, productions of the genre. In this essay, we investigate Zoe Beloff's *The Influencing machine of Miss Natalija A.* (2011), a text built around a true story: that of the psychoanalytic treatment of Miss Natalija A., patient of the brilliant psychiatrist, Victor Tausk, whose interpretations of schizophrenia feuded with Sigmund Freud's. The lover of Lou Andreas-Salomé, and author of the essay “On the origin of the 'influencing machine' in schizophrenia”, committed suicide, leaving behind a big mystery involving his personal life and the direction of his research towards a better understanding of the mental illness.

**Keywords:** *The influencing machine*; Zoe Beloff, Electronic literature, Psychoanalysis; Schizophrenia, Victor Tausk, Sigmund Freud, Natalija A.

## Introdução

I create moving images: films, stereoscopic projection performances, and interactive media. I see my work as the production of philosophical toys, objects to think with and through, more or less tangible.

Zoe Beloff

Machines produced by man's ingenuity and created in the image of man are unconscious projections of man's bodily structure.

Victor Tausk

Tratar de temas da realidade humana através de obras literárias nem sempre é um caminho seguro para o crítico. Como diz Gilles Deleuze, “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 1997, p. 11). Porém, o que se extrai dessa relação literatura/humano, ou mesmo literatura/mundo, pode ter um valor inestimável, tanto para quem escreve quanto para quem lê, e um dos principais fatores desta equação está na catarse que a literatura pode oferecer. Recorrendo, novamente, às palavras de Deleuze:

Não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens da vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido, colmatado. A doença não é processo, mas parada do processo, como no ‘caso Nietzsche’. Por isso o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto de sintomas que se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde. (DELEUZE, 1997, pp.13-14)

A medicina mantém com a literatura uma relação não apenas temática, de conteúdo a ser abordado; mas operacional: através dos processos de escrita e de leitura que podem funcionar como expurgos daquilo que é considerado um “mal”; promovendo, de uma forma bastante singular, um caminho em direção ao equilíbrio. Entretanto, os conceitos de *saúde* e *doença* não são absolutos e sofrem cada vez mais questionamentos. As definições terminológicas apresentam divergências e, muitas vezes, são incompatíveis com os estilos de vida e com as experiências individuais dos seres humanos. Assim sendo, é difícil estabelecer se uma pessoa é saudável ou doente, dada a falta de parâmetros comparativos. Por isso, muitos estudiosos preferem relacionar os conceitos de saúde e doença aos conceitos de normal e anormal.

O termo “normal” está ligado à norma, à regra. Em sua obra *O normal e o patológico*, Georges Canguilhem define a “norma” como o enquadramento, o que não está à direita nem à esquerda, mas no meio. Deste modo, é normal aquilo que é de conformidade. Na medicina, existe uma confusão análoga. Confunde-se normal com o estado ideal dos órgãos. Mas normal é também o estado *habitual* dos órgãos, que pode ser variável e distinto do ideal, mas não menos funcionante. Canguilhem indaga se este estado deve ser considerado “normal” porque é compreendido como o objetivo da terapêutica ou, pelo contrário, se a terapêutica o considera justamente porque ele é tido como normal pelo doente? Por isso, a “normalidade” em medicina deve levar em conta o conceito de equilíbrio e adaptabilidade dos sujeitos individuais ao meio em que estão inseridos.

Canguilhem também defende que a anomalia somática e a anomalia psíquica devem ser tratadas de modo idêntico. Para o autor, psiquiatras como Minkowsky, Lagache e Lacan

romperam com o método quantitativo em suas pesquisas sobre as psicopatologias ao reconhecerem que o doente mental é um “outro” homem, e não somente um homem cujo transtorno prolonga o psiquismo normal, aumentando-o ou diminuindo-o. Neste domínio, o anormal possui verdadeiramente outras normas. Para Canguilhem, o critério de distinção entre a saúde e a doença é a normatividade vital, isto é, a capacidade do organismo de criar normas novas, mesmo orgânicas. Com efeito, o organismo saudável é normativo, isto é, capaz de ultrapassar a norma que define o “normal” presente, capaz de tolerar as variações do meio e capaz de instituir novas alternativas de vida. Por outro lado, o organismo doente é aquele que se encontra limitado a uma única norma, completamente adaptado e restrito a um modo determinado de existência.<sup>93</sup>

O processo de adaptação do indivíduo enfermo à nova condição pode determinar mecanismos psicológicos inconscientes, como os de regressão, negação e racionalização. Segundo o médico Rodolpho Paulo Rocco, o mecanismo de regressão é descrito pela psicanálise como uma “volta a etapas iniciais do desenvolvimento emocional” (ROCCO, 1992, p. 46), e, quando não observado, impede que o médico atenda à fragilidade emocional do paciente. O mecanismo de negação leva o paciente a se recusar a aceitar a doença e o tratamento, o que pode provocar uma reação hostil por parte do médico. Já o mecanismo de racionalização leva o paciente a remover todo o conteúdo afetivo relacionado à situação, impedindo que seus sentimentos se desenvolvam, podendo gerar fenômenos substitutivos de ordem psicossomática. Além desses mecanismos, surge também o medo: o medo da dor, o medo da frustração dos sonhos, o medo de morrer. Ainda segundo Rocco, todos esses mecanismos tornam-se mais complexos quando o paciente é também um médico. Neste caso, os medos manifestos são frequentemente relacionados à possibilidade de não mais poder exercer a medicina: “pode um médico, doente, tratar de outros?” (ROCCO, 1992, p. 47). Essa observação reflete o imaginário social que idealiza o profissional da saúde, colocando-o num patamar acima da humanidade “comum”, contribuindo para reforçar uma atitude de superioridade e soberba que não raro é associada aos médicos.

Diversas obras literárias abordam esse tema, a exemplo das novelas “Enfermaria n. 6” (1892), de Tchekhov, e “Um médico rural” (1919), de Kafka. A primeira relata a vida mesquinha de um médico funcionário público, totalmente alheio à realidade do hospital psiquiátrico que dirige, e indiferente aos dramas que se desenrolam em seu consultório. Para ele, sua atividade é estritamente burocrática; interessam-lhe as leituras solitárias, a boa mesa, algum conforto: nada minimamente relacionado à percepção do outro, muito menos do outro em sofrimento. A situação vem a mudar quando ele, alvo de perseguições de colegas invejosos, é diagnosticado como louco e jogado na Enfermaria n. 6, despido e despojado de seus bens. Ali ele é espancado, silenciado e reduzido à mesma condição sub-humana que os demais, a quem “tratou” durante o longo período em que percorreu aqueles mesmos corredores na condição de “diretor”. Só então consegue se dar conta de sua indiferença e de sua omissão.

Já a segunda, escrita durante os últimos meses de vida do autor, acometido por tuberculose, retrata a fragilidade emocional e os conflitos íntimos do médico, enquanto ser humano, contrariando a visão mitificadora da imagem deste profissional. Nesta novela, ressaltam-se, ao contrário, sua insegurança vocacional, sua revolta contra as condições de trabalho, seu caráter ensimesmado e arredo na vida pessoal, elaborando o retrato de alguém que, embora socialmente instituído de autoridade para “curar”, encontra-se, na verdade, tão ou mais doente do que os seus pacientes. A repulsa que sente diante da ferida

<sup>93</sup> Ver Fábio Luís Ferreira Nóbrega Franco. Georges Canguilhem e a psiquiatria: norma, saúde e patologia mental, in: *Primeiros Escritos*, v. 1, n. 1, p. 87-95, 2009.

aberta de um jovem a quem vai visitar, de má vontade, numa noite tempestuosa, acaba sendo o pretexto para o autor encostá-lo contra a parede, destituindo-o da máscara e fazendo-o partilhar, nu, o leito do moribundo.

Só assim o ser humano que se oculta atrás do diploma, do avental e de uma estudada empáfia consegue estabelecer uma empatia mínima com aquele que sofre: condição imprescindível, na visão de Kafka, para que se instaure uma atmosfera propícia ao “tratamento”, seja ele qual for. Assim como para o escritor russo, para o tcheco apenas a empatia – talvez mais do que a ciência e o conhecimento tecnológico – resultante da experiência partilhada da dor e do sofrimento, pode levar ao despertar de um amadurecimento humanístico que não é ensinado nas escolas e muito menos nas universidades; mas que seria capaz de inocular, no sujeito egocentrado, sentimentos como a solidariedade e a generosidade, imprescindíveis para o exercício de uma profissão tão difícil e desafiadora quanto a medicina.

Importante em fins do século XIX e início do século XX, quando o avanço da tecnologia ainda não havia invadido a prática médica como nos dias de hoje, e o relacionamento com o paciente ainda era muito mais pessoal e menos sujeito à mediação laboratorial e maquínica, a crítica a um cientificismo materialista e muitas vezes indiferente às motivações humanas, presente nestas obras, parece tornar-se imprescindível na atualidade. Não por acaso assistiu-se, nos anos 1970, ao surgimento de uma nova “ciência”: a bioética. O termo foi mencionado pela primeira vez numa publicação do cancerologista norte-americano Van Rensselaer Potter, e diz respeito à procura de um comportamento responsável por parte daquelas pessoas que devem decidir tipos de tratamento, de pesquisa ou de outras formas de intervenção relativas à humanidade e ao próprio biosistema terrestre:

Tendo descartado, em nome da objetividade, qualquer forma de subjetividade, sentimentos ou mitos, a racionalidade científica não pode – sozinha – estabelecer os fundamentos da bioética. Além da honestidade, do rigor científico ou da procura da verdade – pré-requisitos de uma boa formação científica –, a reflexão bioética pressupõe algumas questões humanas e planetárias que não estão incluídas nos currículos acadêmicos. ... Nesse sentido, parece que nos encontramos ante a necessidade de mudanças não somente de alguns paradigmas técnico-científicos, mas também dos compromissos e responsabilidades sociais, o que não significa obrigatoriamente a dissolução de certos valores já existentes, mas a sua transformação. Devemos avançar de uma ciência eticamente livre para outra eticamente responsável, de uma tecnocracia que domina o homem para uma tecnologia que esteja a serviço da humanidade do próprio homem, de uma democracia jurídico-formal a uma democracia real que concilie liberdade e justiça. (VOLNEI GARRAFA, 2003, p. 220)

Curioso é perceber que a crítica ao desarrazoado avanço da tecnologia no mundo contemporâneo, com até então inimagináveis consequências para a humanidade, venha a acontecer no âmbito mesmo do espaço virtual e cibernético, resultado de um dos mais significativos avanços tecnológicos modernos: o da comunicação mediada pela máquina. Curioso também é constatar que a demanda por uma ética da responsabilidade, dos limites da manipulação da vida biológica humana e não-humana, e da equanimidade na distribuição dos benefícios do desenvolvimento científico venha a se elaborar e a ser veiculada exatamente no contexto de produções que não existiriam sem os sofisticados recursos técnicos atuais. De fato, se percorrermos as obras da coletânea de Literatura Eletrônica organizada por N. Katherine Hayles, encontraremos muitos exemplos de

manifestos abertos a uma demanda bioética, à discussão sobre os direitos humanos e à conscientização sobre o futuro equilíbrio planetário.

Uma das experiências mais intrigantes e desafiadoras nesta linha, presente na referida antologia, é a obra intitulada *The influencing machine of Miss Natalija A.* (2001), de Zoe Beloff. O “texto”, em si, apresenta uma construção elaborada, elencando várias referências documentais, como o artigo do psiquiatra Victor Tausk, “The origin of the ‘influencing machine’ in schizophrenia” (“Da gênese do ‘aparelho de influenciar’ no curso da esquizofrenia”), o diário de Lou Andreas-Salomé, no qual se encontram dados biográficos de Tausk e de sua paciente Natalija A., e estudos de Sigmund Freud.

Tecnicamente, trata-se de uma obra multimídia, que faz convergir diferentes sistemas de representação, além dos textuais já mencionados: uma instalação exposta numa galeria de arte e reproduzida no ambiente da obra eletrônica, além de fragmentos de filmes e recursos gráficos e sonoros diversos. Como toda experiência de *e-literature*, trata-se ainda de uma obra interativa, que depende da intervenção do fruidor para a sua configuração, não se apresentando, portanto, como uma obra convencional e “acabada”.

Tematicamente, especula sobre a história pessoal de Victor Tausk, cientista notável e médico dedicado que, a certa altura da vida, vê-se atingido pela suspeita de manifestação da mesma doença que devotou sua curta existência a desvendar, e acaba por cometer o suicídio, deixando para trás uma pesquisa intrigante, que trata da natureza de um delírio alucinatório comum na esquizofrenia – a queixa do aparecimento de uma “máquina de influenciar” responsável pela sintomatologia apresentada pelo paciente, e muitas vezes por ele responsabilizada para justificar suas atitudes agressivas. Na visão de Beloff, as “máquinas de influenciar” efetivamente existem e são capazes de produzir fenômenos de alucinação coletiva muito reais, como ocorreu com a televisão no terceiro Reich, instrumento de propaganda nazista capaz de mobilizar milhares de mentes a um comportamento alienado e a uma violência até então inimaginável na história da humanidade. Por isso, segundo a artista, é preciso conhecer essas máquinas e dominar o seu funcionamento, pondo-as a serviço de influências mais nobres e proveitosas para o progresso e o bem estar das pessoas. Este parece ser o seu propósito ao trabalhar com suas próprias “máquinas de influenciar”: o cinema e o computador, que utiliza como veículos para a criação de uma arte cibernética profundamente crítica e investigativa.

### **Esquizofrenia, Sigmund Freud e Victor Tausk**

Do grego *Skizo* (cisão) e *Phrenos* (mente), a esquizofrenia é uma psicose que aparece, na maioria dos casos, em jovens, caracterizando-se por distúrbios de afetividade, causando frequentes fenômenos de audição de vozes, visões e alucinações os quais, para a ciência, têm origem apenas na mente transtornada. É a mais grave e mais freqüente psicose endógena, caracterizando-se pela dissociação da vida mental, que desagrega as associações de idéias, a afetividade e conduz a uma forma peculiar com sintomas de autismo e ausências. Segundo o *Dicionário de psicanálise*, de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, e o *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*, de David E. Zimmerman, o termo foi cunhado em 1911 por Eugen Bleuler para designar uma forma de loucura a que Emil Kraepelin dera o nome de “demência precoce”, e cujos sintomas fundamentais são a incoerência do pensamento, da afetividade e da ação, o ensimesmamento e uma atividade delirante. Na psiquiatria e na psicanálise, o termo impôs-se para caracterizar, ao lado da paranóia e da psicose maníaco-depressiva, um dos três componentes modernos da psicose em geral.

Freud usou a denominação de “neurose narcisista”, por considerar que a característica principal dessa psicopatologia consistia num desapego da libido do mundo exterior e sua regressão para o ego; diferentemente das neuroses, nas quais a libido é investida em objetos substitutos. Freud estabeleceu a diferença entre a esquizofrenia e a paranóia, mas sem se aprofundar nos transtornos esquizofrênicos. Na verdade, ainda hoje a ciência fica confusa e se perde diante da maioria dos casos de esquizofrenia, pois os exames clínicos geral e neurológico nada acusam, bem como não se registram alterações na consciência.

Segundo Renata Damiano Riguini e Oswaldo França Neto, Victor Tausk (1879-1919) participou da história da psicanálise durante dez anos, desde o seu ingresso no grupo de Viena aos 30 anos, que em 1909 reunia-se em torno de Freud, até o seu suicídio aos 40 anos. Tausk, formado em direito e jornalismo, estudou medicina e especializou-se em psiquiatria, pois se interessava diretamente pela loucura. Mas a guerra o surpreendeu violentamente. Ao ser convocado para o serviço ativo, ele prestou, com dedicação, suas obrigações médicas, mas a experiência com a guerra acabou conduzindo-o a uma irritabilidade nervosa que foi progressivamente se agravando. “Até que, em 1919, Tausk curiosamente construiu um artifício – uma máquina? Um aparelho? –, que usou para se matar. O suicídio foi meticulosamente planejado por Tausk para que não houvesse erro na sua execução que pudesse redundar na sua sobrevivência, e consistia num aparato que conjugava o tiro de pistola ao enforcamento”.<sup>94</sup>

Victor Tausk destacou-se como personagem polêmico na psicanálise, e sua relação com Freud foi marcada por instabilidades. Inovador e reconhecidamente talentoso, tendo constituído seu campo pela experiência com a clínica da psicose, ele explorou domínios até então intocados pela psicanálise. Com a vida interrompida aos 40 anos, Victor Tausk deixou, entre outros trabalhos, o artigo intitulado “Da gênese do ‘aparelho de influenciar’ no curso da esquizofrenia”, que foi publicado no ano de sua morte. Apesar das discórdias, Freud escreve um elogioso obituário para Tausk:

A psicanálise em particular tem uma dívida com o Dr. Tausk. Todos aqueles que o conheceram bem valorizavam o seu caráter franco, a sua honestidade consigo mesmo e com os outros e a superioridade de uma natureza que se distinguia por um empenho pela nobreza e pela perfeição. Não há dúvida que este homem, de quem a nossa ciência e os seus amigos em Viena foram prematuramente roubados, contribuiu para este objetivo (o reconhecimento da psicanálise). Ele assegurou uma lembrança honrosa na história da psicanálise e das suas primeiras lutas. (FREUD, 1919, p. 295)

A discrepância que se observa entre esse obituário e a correspondência pessoal de Freud pode ser considerada a fonte de todos os mistérios presentes na história que influenciou Zoe Beloff. Segundo o que afirma Paul Roazen, em sua obra *Brother-Animal* (1990) – dedicada à revelação da história envolvendo os dois psicanalistas –, Freud já pensava, desde a juventude, na possibilidade de que as suas cartas fossem guardadas. Em uma delas, enviada à sua pupila Lou Andreas-Salomé, ele não só confessa que não sente falta de Tausk, como também afirma que já há algum tempo havia percebido que ele constituía, inclusive, uma ameaça ao futuro da psicanálise. Freud alegava que seu discípulo estaria se apropriando de suas teorias e desenvolvendo-as para além de quanto ele poderia supervisionar e comprovar cientificamente.

<sup>94</sup> Renata Damiano Riguini e Oswaldo França Neto. *Psychosis’ influence apparatus: Vitor Tausk’s artifice* (O aparelho de influenciar da psicose: o artifício de Vitor Tausk), in:

Para Luiz Eduardo Prado de Oliveira, “é surpreendente que Freud anuncie seu artigo sobre o inconsciente primeiramente a Lou Andreas-Salomé, e que depois termine o texto com uma longa consideração sobre as teses e a experiência clínica de Tausk. De fato, este jovem analista desfrutou de muitos favores junto a Lou Andreas. O artigo de Freud parece provir de uma dupla transferência em relação a este casal, que tinham tido um *affaire*. O anúncio feito a Lou Andreas de um artigo sobre o inconsciente que deveria conter uma nova definição do termo parece hoje em dia uma fanfarronada, com o objetivo de fazer a jovem interessar-se por ele e desinteressar-se de Tausk”. Ainda segundo Oliveira, a posição de Freud em relação ao seu jovem e brilhante discípulo, que fornece os dados clínicos e o primeiro esboço teórico para a abordagem freudiana das esquizofrenias, é bem mais complexa: “O que Freud exprime em carta a Karl Abraham com data de 6 de julho de 1919 (suprimida na edição francesa da correspondência entre os dois psicanalistas) é, moralmente, abominável. Diz ele: ‘Embora suas qualidades fossem bastante reais, ele não nos era de nenhuma utilidade’.”<sup>95</sup>

Como se percebe, os desentendimentos entre os dois psicanalistas envolveram não apenas questões relacionadas aos estudos do inconsciente, mas também questões de ordem afetiva: Lou Andreas-Salomé era uma das maiores admiradoras de Freud, e conseguiu conquistá-lo, ao menos, de uma forma sublimada, como uma aluna de maior prestígio. Ao mesmo tempo (entre 1912 e 1913), segundo Roazen, Salomé e Tausk tornam-se amantes. Muitas das informações hoje disponíveis a respeito do caso estão contidas no diário de Salomé.

Mas foi a originalidade dos estudos de Tausk, supostamente, o que mais causou incômodos a Freud. Afirma-se que este, temendo que o discípulo se apropriasse de suas ideias e as desenvolvesse segundo teorias distintas das suas, recusou-se a ser seu terapeuta. Helene Deutsch, uma psicanalista recém-ingressa no círculo de Viena, e alguns anos mais jovem que o próprio Tausk, assumiu o caso a pedido de Freud, que também era, na época, seu analista. Porém, as sessões com Tausk começaram a gerar desavenças cada vez maiores: ele se queixava a Deutsch das críticas que Freud fazia às suas ideias e, esta, por precisar do apoio teórico de Freud para o desenvolvimento do tratamento de Tausk, acabava tendo que contar a ele sobre os desabafos de seu paciente. Freud, então, percebeu que um dos dois tratamentos precisaria ser descontinuado, e a decisão tomada por Deutsch foi a de encerrar o caso de seu paciente e manter sua terapia com o mestre.

Três meses após o evento, Tausk cometeu o suicídio. Suspeita-se que o estopim para a sua atitude tenha sido a incapacidade de lidar com relacionamentos afetivos mais sérios, já que a data de seu casamento estava próxima. Ao longo da vida, Tausk teve problemas de relacionamento com diversas mulheres. Mas a diátribe entre Freud e Tausk não pôde ser ignorada, e gerou grande polêmica no meio psicanalítico, determinando uma verdadeira guerra entre os acusadores e os defensores de Freud, a exemplo dos livros de Paul Roazen, *Brother Animal – the story of Freud and Tausk*, e de K.R. Eissler, *Talent and genius – a psychoanalytic reply to a defamation of Freud*.

Em sua obra de literatura eletrônica, Beloff não menciona esse episódio, nem deixa pistas para se descobrir o motivo do suicídio do psicanalista. Em vez disso, ela explora um tom de mistério, ao escrever sobre o evento logo após expor a complicação que ocorreu no tratamento da paciente Natalija A., quando esta passou a acreditar que o próprio doutor Tausk ter-se-ia tornado vítima da “máquina de influenciar” e estaria também sofrendo de alucinações. A mancha de sangue sobre a foto da paciente no corpo da obra ressalta a aproximação que o texto propõe entre os dois eventos.

<sup>95</sup> Luis Eduardo Prado de Oliveira. O inconsciente freudiano entre Lou Andreas-Salomé e Victor Tausk, in: *Ágora* (Rio de Janeiro) v. VIII n. 2 jul/dez 2005 237-254

Segundo teorias psicanalíticas elaboradas pelo próprio Freud, para que o tratamento do paciente seja mais eficiente, é necessário que ocorra entre este e o terapeuta um mecanismo chamado *transferência*, através do qual o analisando transfere para o analista sentimentos referentes a seu pai ou a sua mãe, fortalecendo o elo entre as duas partes e estimulando a expressão dos afetos, o que facilita o trabalho de interpretação da fala do paciente através da técnica de livre associação. Alguns colegas da época afirmavam que o que parecia ocorrer entre os dois era uma espécie de mútua transferência, na qual Freud via o discípulo como uma ameaça futura enquanto este tentava superá-lo, tal como ocorre no complexo de Édipo.

Em 1934, quando o assunto da morte de Tausk parecia ter sido esquecido no meio psicanalítico, um de seus artigos é publicado, despertando novamente o tema de sua difícil relação com Freud. Segundo Roazen, o artigo é uma espécie de sumário do ocorrido entre os dois, escrito com termos de uso corrente na psicanálise, no qual Tausk compara a luta pela independência de um certo discípulo “B” com relação a um suposto mestre chamado “Ibsen”, à luta presente no clássico conflito edipiano entre pai e filho. Só que, no caso considerado, o pai vence a disputa, eliminando o filho, seu mais jovem rival. Apesar das desavenças, Tausk manteve-se fiel a Freud. Antes de se matar, deixou inclusive uma carta para o mestre, elogiando-o e agradecendo por todo o bem que ele lhe havia feito, e pedindo ao mestre que desse assistência à sua família. Ironia?...

Tausk deixou na história da psicanálise um marco de interrogação e silêncio em torno de sua vida e obra. No entanto, a obra permanece, e assim também seu aparelho. A “máquina de influenciar”, observada por Tausk em pacientes esquizofrênicos, é, segundo sua definição, um instrumento construído pelo delírio. Compõe-se de caixas, manivelas, alavancas, rodas, botões, fios, bateria, etc., que normalmente não são bem situadas e definidas pelo sujeito, só podendo ser evocadas por alusões. Diferentemente da psiquiatria em vigor, que se restringia a descrever os quadros clínicos, Tausk procurou identificar a significação dos sintomas em um contexto histórico e estrutural, a fim de vislumbrar o mecanismo psíquico.

As considerações teóricas de Tausk fundam-se num exemplo único da “máquina de influenciar”, uma espécie de esquema através do qual ele busca uma explicação psicanalítica para a origem e a finalidade psíquica deste instrumento construído pelo delírio. A partir da análise deste fenômeno, visto em muitos casos de esquizofrenia que observou e descreveu, Tausk enumera uma série de efeitos do funcionamento deste aparato:

- 1) Ele pode apresentar imagens ao sujeito, como um cinema, um projetor.
- 2) Ele é capaz de produzir ou furtar os pensamentos e/ou, sentimentos do paciente via ondas, raios ou forças ocultas, uma vez que está sob o comando do perseguidor.
- 3) Ele pode produzir ações motoras no corpo do paciente como ereções e poluções. Tais ações também são efeitos produzidos por correntes elétricas, ou magnéticas, raios-X, etc.
- 4) Ele produz sensações muitas vezes indescritíveis, outras são comparadas pelo paciente como, por exemplo, de uma corrente elétrica.
- 5) Ele é responsável por outros fenômenos somáticos que são sentidos como implantados no sujeito. Assim, uma erupção cutânea ou um furúnculo é algo atribuível ao aparelho.
- 6) Ele é manipulado por um perseguidor inimigo do sujeito que o coloca em funcionamento de forma obscura e enigmática. (TAUSK, in: BIRMAN, 1990, p. 40)

O aparelho nem sempre se constitui como uma máquina, ou seja, nem sempre o paciente pode reconhecê-lo como tal, sendo, muitas vezes, apenas reconhecido como uma

influência psíquica estranha, uma sugestão, uma força telepática. Assim, segundo Tausk, o próprio aparelho seria uma manifestação mais tardia da doença, de onde poderíamos inferir que a montagem do aparelho, sua elaboração via delírio, depende de um tempo de construção.

A descrição que a paciente Miss Natalija A. fazia do aparato era a de um tipo de caixa, semelhante ao seu tórax, com a parte de cima coberta por um pano, de veludo ou de seda, que possibilitava a visão do conteúdo da caixa, composto basicamente de baterias, que supostamente representavam seus órgãos internos. Segundo Christopher Turner (2004), professor da Universidade Columbia, Freud associou a descrição da máquina influenciadora de Natalija A. a uma múmia egípcia, uma espécie de sepultamento, representando o conforto do retorno ao corpo da mãe. Para elaborar sua teoria acerca do tema, Tausk parte do postulado de Freud que diz haver uma regressão da libido nos pacientes psicóticos de volta ao narcisismo primário, estágio mais primitivo do desenvolvimento da criança, que envolve concentração em seu próprio corpo. Tausk mostra como os delírios de perseguição e de manipulação da esquizofrenia podem representar os primeiros estágios do contato entre o ego e a realidade. O paciente projetaria no mundo exterior sentimentos de estranhamento de seu universo interno. A “máquina de influenciar”, portanto, enquanto representação do corpo do próprio paciente, funciona como uma defesa contra o regresso deste ao estágio de narcisismo primário (ROAZEN, 1990).

Em seu artigo, Tausk relata que a maioria dos pacientes que afirmam estar sob a influência de uma máquina, acusam seus médicos de serem os controladores das mesmas. Porém, com Natalija A., ocorre praticamente o inverso, já que o progresso de seu tratamento foi comprometido pelo fato de que, a partir da terceira sessão de terapia, ela passou a achar que o próprio Dr. Tausk estava sob a influência do aparato.

### ***The influencing machine of Miss Natalija A. (2001), de Zoe Beloff: transmediação a favor da criação das metáforas de interface***

Baseada em fatos reais, a obra se apresenta visualmente como um livro de capa dura, aparentemente bastante manuseado, que lembra o layout dos cadernos pautados para anotações, muito usados pelos médicos no século XIX. A imagem do livro antigo estabelece uma ligação entre o passado e o presente, entre o arcaico e o tecnológico, já que se trata de uma obra que congrega as mais modernas técnicas de criação artística, mas que se apresenta mediante a imagem que nos vem à mente quando pensamos em velhos livros. Na folha de rosto, encontram-se elencados cinco itens: *The patient, The doctor, Distant electric vision, The installation, The diabolical apparatus*, que fornecem dados gerais sobre os referenciais históricos e documentais utilizados. Através deste estranho índice, podemos acessar as outras “páginas”, clicando sobre os títulos dos capítulos. A numeração das páginas não segue o padrão usual de livros, como se pode ver na figura: todas as páginas são marcadas com uma numeração que vai de 4,486 a 4,953. Este é mais um item que confere à obra uma atmosfera de mistério e de estranhamento, podendo significar, por exemplo, que todas as páginas são parte de um único episódio que, no entanto, tem mil desdobramentos. Outra leitura possível é a de que temos acesso apenas a frações da história, e que todo o resto fica escondido noutras páginas que não podem ser reveladas.

A *paciente*, Miss Natalija A. e *o médico*, Dr. Victor Tausk, são personagens reais, cujos dados biográficos são fornecidos nos dois primeiros itens do trabalho. O item sobre a *Visão elétrica distante* pretende descrever as alucinações de Natalija através da alusão a filmes alemães da década de 20 e 30 e a alguns documentários médicos da época. A autora

simula penetrar na mente da paciente e encontrar, como matéria de delírio, trechos de produções cinematográficas verídicas, que podem ser acessadas pelo leitor.

Ao clicar em determinados pontos das páginas do livro, como nas imagens do diagrama, o leitor tem acesso a diversos vídeos e sons correspondentes às alucinações da paciente. O diagrama seria uma representação do próprio aparato através do qual seu perseguidor a controlava. Note-se que algumas seções do texto (como os trechos escritos com letra vermelha) são dedicadas a indicações de uso, como tutoriais, o que é uma característica relativamente frequente em obras de literatura eletrônica. Alguns dos sons utilizados tentam reproduzir a fala da personagem Natalija A., contando sua história em tom de sussurro. Como ela era surda e se comunicava apenas através da escrita, a narração feita pela sua voz traz uma dimensão paranormal, pois funciona como a expressão da alma da paciente através do velho livro.

Os vídeos representam as visões da personagem e apresentam tanto cenas reais, gravadas na Alemanha há algumas décadas, ainda com uma película em preto e branco, quanto cenas produzidas pela própria Beloff. Alguns deles mostram temas da vida social, como casais passeando, e outros, cenas relacionadas à prática médica, com cirurgias, radiografias, aparelhos cirúrgicos etc., geralmente mescladas a imagens sobrepostas de bonecas antigas ou de partes do corpo da personagem, e rabiscadas por luzes e machas simulando interferência de natureza eletromagnética, por exemplo.

O item *A instalação* refere-se à obra de Beloff que antecedeu a versão eletrônica, uma montagem exibida numa galeria de arte, que simula o ambiente de um consultório, com os móveis ocupando o lugar dos personagens humanos, ausentes da cena. Sobre a mesa do psiquiatra vê-se um mapa onde está traçado um modelo da “máquina de influenciar”. À sua frente, sobre uma mesinha, fica um modelo tridimensional desta máquina, envolto num invólucro com a identificação: *Natalija*. O último item, o *Aparato diabólico*, oferece uma visão ampliada da maquete da “máquina de influenciar”, ao lado de uma explicação sobre o seu funcionamento.

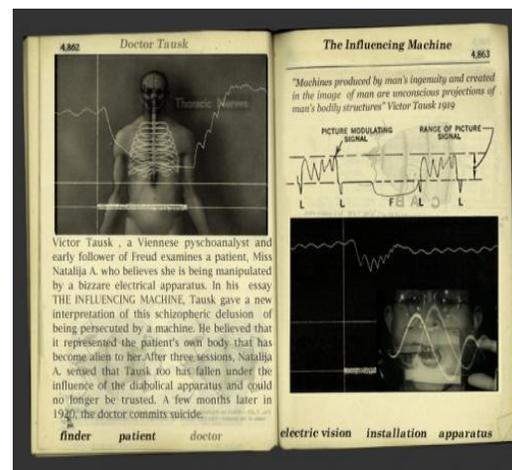
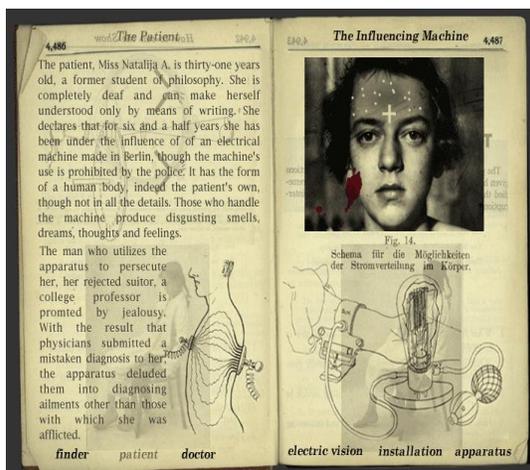
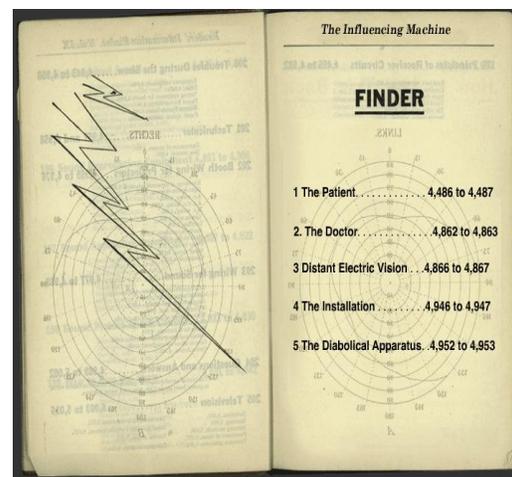
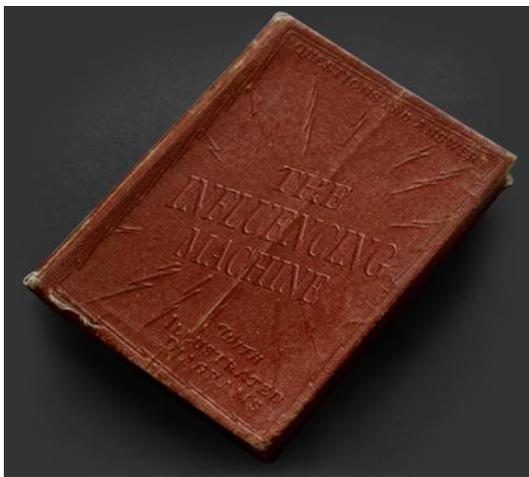
Estendendo a interpretação das cenas projetadas, podemos traçar um paralelo entre os delírios de Natalija A. de estar sendo controlada por outra pessoa e a manipulação das massas feita pela mídia, o que se reforça pela citação contida na obra de uma frase de Eugen Hadamovsky, organizador do conteúdo divulgado pelas rádios nazistas durante o governo de Hittler: “*Now in this hour, broadcasting is called upon to fulfill its biggest and most sacred mission, to plant an image of the Fuehrer indeleibly in all German hearts.*” (HADAMOVSKY apud BELOFF, 2001). Os ruídos e rabiscos, mesclados às imagens de aparelhos cirúrgicos, também permitem uma múltipla interpretação: fazem menção, entre outras coisas, à confusão mental da paciente, ao desconforto e ao medo que sente durante exames clínicos, e à extrema manipulação do corpo durante procedimentos invasivos da medicina.

O próprio uso da tecnologia na criação da obra de literatura eletrônica ganha relevância por permitir que se tenha acesso ao interior da personagem através de simulações. As tecnologias mais arcaicas que se apresentam na composição, como o estereoscópio e as fotografias em preto e branco, eram verdadeiros aparatos revolucionários na época em que foram lançados, e o estranhamento causado por eles era, certamente, superior ao que se tem hoje diante de recursos muito mais surpreendentes. Tal estranhamento era acompanhado de credices e de receios, como a crença de que a fotografia poderia capturar o espírito das pessoas que nela aparecessem.

Na época em que Tausk escreveu sobre as “máquinas de influenciar”, assinala-se o surgimento de muitas dessas modernas invenções, que ocupavam o imaginário da população do ocidente, com suas expectativas e seus temores. O psicanalista relata que as

“máquinas de influenciar” imaginadas pelos portadores de esquizofrenia eram tão mais “tecnológicas” – repletas de detalhes e referências – quanto maior fosse o conhecimento destes acerca das novas invenções da ciência. Eles recorriam a todo o conhecimento sobre o funcionamento das máquinas para tentar explicar como os aparatos funcionavam; ainda que, obviamente, nenhum artefato científico desse conta de produzir os efeitos das supostas “máquinas de influenciar”.

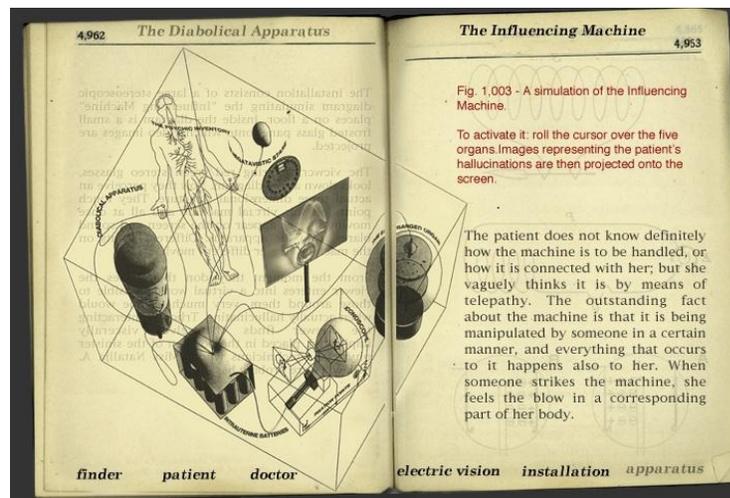
De fato, é bastante compreensível que os portadores desse transtorno recorram a comparações com o funcionamento de máquinas, já que estas operam através do emprego de forças que não são visíveis nem controláveis, e que por isso podem ser consideradas forças “ocultas”. Se a ciência atual consegue explicar como a comunicação não presencial entre os indivíduos pode ocorrer através dos aparelhos eletrônicos, ainda faltam explicações para os fenômenos tidos como sobrenaturais, como, por exemplo, a comunicação para além da morte, alegadamente efetuada pelos médiuns espíritas, também com a intermediação de aparatos técnicos.



Screenshots da obra de literatura eletrônica *The influencing machine of Miss Natalija A.*  
Fonte: < <http://directory.eliterature.org/sites/default/files/beloff.jpg?1265407481>>, 2011.

**A paciente:** Miss Nataliya A. é uma estudante de filosofia de 31 anos. Completamente surda, ela só se faz entender pela escrita. Ela afirma que por seis anos e meio foi mantida sob a influência de uma máquina eletrônica confeccionada em Berlim, apesar de seu uso ser proibido pela polícia. A máquina tem a forma de um corpo humano, semelhante ao da própria paciente. Aqueles que manipulam a máquina produzem cheiros, sonhos, pensamentos e sentimentos repulsivos. O homem que utiliza o aparato para persegui-la, um pretendente rejeitado, professor universitário, é movido por ciúme. O diagnóstico errado que os médicos emitiram a seu respeito resultou de um engodo do aparato, que evidenciou sintomas diferentes daqueles que a afligiam.

**O médico:** Victor Tausk, um psicanalista vienense, antigo aluno de Freud, examina uma paciente, Miss Natalija A., que acredita estar sendo manipulada por um bizarro aparato eletrônico. Em seu ensaio “Sobre a origem da ‘máquina de influenciar’ na esquizofrenia”, Tausk oferece uma nova interpretação do delírio de perseguição por uma máquina, frequentemente encontrado nesta doença. Ele acredita que a máquina representa o próprio corpo do paciente que, alienado da consciência, já não é capaz de ser reconhecido pelo sujeito. Após três sessões, Natalija A. percebe que Tausk também sucumbe à influência do aparato diabólico, não mais sendo digno de confiança. Alguns meses depois, o médico comete suicídio.



Screenshot da obra de literatura eletrônica *The influencing machine of Miss Natalija A.*  
 Fonte: < <http://directory.eliterature.org/sites/default/files/beloff.jpg?1265407481>>, 2011.

### A instalação e o aparato diabólico:

Segundo a explicação da autora do projeto, com esta vídeo-instalação interativa ela teria procurado materializar as alucinações de Natalija para o participante. Sua intenção seria problematizar a ideia de que a fantástica máquina imaginada pelos esquizofrênicos não é tão bizarra quanto parece - ao invés disso, poderia ser melhor considerada como um espelho distorcido que sintomaticamente reflete de volta, ainda que com uma incomum

clareza, o cruzamento da tecnologia de mídia com a psicologia da época. Segundo Beloff, a sua “máquina de influência” não só representa as alucinações de Natalija, mas também faz alusão ao desenvolvimento de “máquinas influenciadoras” reais, como a televisão na Alemanha, o primeiro país a ter emissões regulares bem antes da Segunda Guerra Mundial, estimulado pela propaganda nazista.

A instalação de Beloff consiste em um grande diagrama estereoscópico simulando a “máquina de influência”, colocado no chão. No interior, há um pequeno painel de vidro fosco para a projeção de imagens de vídeo. O participante, usando óculos estereoscópicos, olha para o diagrama, que adquire profundidade tridimensional. Ao tocar determinados pontos do diagrama com um ponteiro designado para este fim, alguns filmes são projetados na tela. A partir do momento em que põe os óculos, portanto, o participante entra em um mundo virtual invisível para aqueles que o rodeiam, simulando a situação de delírio alucinatório do esquizofrênico.

Tausk descreve como o paciente acredita que a “máquina influenciadora” inocula ideias ou remove pensamentos por meio de ondas, raios ou forças misteriosas. Trata-se de uma máquina de tortura. Quando alguém bate na máquina, a pessoa sente um golpe correspondente no seu corpo. Através da instalação, o participante encontra-se numa situação de envolvimento visceral com a máquina de projeções, podendo colocar-se na posição dos sinistros médicos ou técnicos (sempre do sexo masculino), os quais Miss Natalija A. acreditava que sondavam sua mente.

O participante tem ainda a oportunidade de vislumbrar o mundo em que Natalija vivia através da atmosfera dos filmes projetados, produções caseiras da Alemanha dos anos 20 e 30, da coleção particular da autora, bem como filmes obtidos na Faculdade de Medicina da Biblioteca Nacional. Esquematizadas sobre essas imagens, fragmentos do corpo aparecem desenhados em transparência, e uma colagem de sons intensos é criada a partir de amostras de ondas curtas, que os espíritas acreditam ser mensagens codificadas do além, mixadas com gravações de interferências atmosféricas nas transmissões de rádio, e com canções populares alemãs do período.

A proposta da autora é relacionar a imaginação e a tecnologia da imagem em movimento, tanto em termos de conteúdo como de uma reflexão sobre a natureza do próprio aparelho: “Quero mostrar que as máquinas não são simplesmente ferramentas, ideologicamente neutras, mas que surgem de nossos mais profundos impulsos inconscientes. Assim como nós pensamos através das nossas máquinas, elas também estruturam os limites de nossos pensamentos. A “realidade virtual” não é simplesmente uma tecnologia recente, resultante da era do computador, mas tem suas raízes profundas na história e na alucinação”. (<http://www.zoebeloff.com/influencing/>)

## Zoe Beloff

O suicídio de Tausk, os delírios esquizofrênicos de sua paciente, a saúde e a doença do corpo e da mente são os principais motivos abordados na obra *The influencing machine of Miss Natalija A.*, que levanta, ainda, a discussão da relação entre o homem e as máquinas, reforçada pelo uso da tecnologia na própria estrutura da composição de Beloff. A proposta artística desta autora enriquece a leitura da obra aqui analisada, na medida em que ela abre a percepção do leitor, levando-o a perceber a multiplicidade de significados evocados por cada um dos vários elementos que se somam e se sobrepõem na obra, compondo um elaborado conjunto de forte apelo sinestésico.

Em suas produções, Beloff utiliza diversos tipos de mídia, como vídeos, fotografias, estereoscópios e desenhos, que resultam num material artístico veiculado em suportes múltiplos: filmes, instalações, obras interativas, ilustrações, etc. Beloff se considera uma médium, e a utilização desses elementos todos tem a ver com essa definição, pois ela se propõe, com sua arte, a incorporar o passado ao presente, veiculando através de recursos tecnológicos de ponta um conteúdo construído a partir de referências documentais e históricas, materiais antigos, fotografias, registros do passado, estabelecendo em suas obras um forte elo entre a imaginação e a realidade.

O fato de se considerar uma médium também está relacionado às suas convicções espiritualistas. Em suas obras, é comum encontrar a alusão a fenômenos paranormais, tais como obsessões espirituais e comunicações com espíritos através de equipamentos sonoros ou fotográficos. Em seu *site*, Zoe Beloff afirma trabalhar em família, com a ajuda de seus pais, um parapsicólogo e uma psicóloga social; seu marido, fotógrafo, e seu irmão, ligado à informática.

Um dos primeiros trabalhos interativos de Beloff, intitulado *Where where there there where*, começou em 1997, como uma espécie de minissérie com capítulos exibidos semanalmente na internet, e que recebeu posteriormente uma nova configuração em Flash adaptada para os sistemas operacionais Windows e Macintosh. A obra explora o interior de uma mente, com efeitos simulam confusão linguística e perturbações geradas por interferência de magnetismo:



Screenshot da obra interativa *Where where there there where*.

Fonte: <<http://www.zobeloff.com/where/>>, 2011.

A imagem a seguir foi retirada de um dos vídeos da artista, *Shadow land or light from the other side* (2000), que é baseado na autobiografia da médium Elizabeth D'Espérance, escrita em 1897:



Screenshot do vídeo *Shadow land or light from the other side*.  
 Fonte: <<http://www.zobeloff.com/pages/shadowland.html>>, 2011.

Essas duas obras, assim como *The influencing machine of Miss Natalija A.*, denotam a mistura entre imaginação e realidade à qual Beloff se refere quando diz se considerar uma médium, já que se configuram como adaptações artísticas de textos não ficcionais. O próprio conteúdo destes, por sua vez, já promove um apagamento entre as fronteiras do real e do imaginário, por se tratarem de anotações e de autobiografias que abordam, basicamente, temas do inconsciente e de atividades paranormais.

## Culpas

Poucos temas mobilizam tanto a opinião pública com relação à condenação e culpa quanto o tema do suicídio. Acusações de perseguição também são levantadas por pacientes que sofrem do transtorno descrito por Tausk, e estes, por sua vez, também são comumente acusados de serem responsáveis por suas próprias doenças. Até mesmo Paul Roazen, por ter trazido à tona a história do suicídio de Tausk, assunto que já havia se transformado em uma espécie de tabu entre os seguidores de Freud, foi muito recriminado desde que foi publicada a primeira impressão de *Brother Animal*, em 1969. Temos, portanto, vários casos em que a culpa parece desempenhar um papel de extrema relevância.

O Hamlet de Shakespeare, ao pôr em prática seu plano de vingança pela morte do pai, expõe seu tio Claudius à representação teatral de uma cena que o faria reviver a traição e o assassinato cometidos por ele contra seu próprio irmão. Esse artifício de metalinguagem ressalta o poder de catarse da arte, que pode funcionar como o “empreendimento de saúde” descrito por Deleuze. Ao poetizar a situação da paciente Natalija A., Beloff confere a ela uma subjetividade que é própria da personagem ficcional, mas que nos faz enxergar um ser humano na figura da paciente de Tausk, da mulher que viveu a realidade dos dramas da esquizofrenia, e não apenas um nome, ou um relato de cum aso clínico.

A arte nos aproxima das situações da vida de uma forma que, muitas vezes, não seria possível mediante outras abordagens. Em *The influencing machine of Miss Natalija*

A., vemos uma paciente totalmente imersa noutra realidade, incapaz de discernir o que é delírio e o que é real. Por esse ângulo, torna-se difícil aproximar a imagem construída do portador de transtornos esquizofrênicos da imagem que se tinha destes há alguns séculos. Duane Schultz, em seu livro *História da psicologia moderna* (1981), conta que o alvo contra o qual Freud teve que se rebelar no início de sua carreira não foi o estruturalismo acadêmico, ou alguma escola de pensamento psicológico, e sim, a compreensão que se tinha na época sobre os distúrbios mentais e seus tratamentos. Schultz faz um breve resumo da história do tratamento dos doentes mentais, a qual ela qualifica como “fascinante e deprimente”:

Grande parte dessa história apresenta um quadro impressionante da desumanidade do homem para com o seu semelhante. Na Idade Média, o indivíduo mentalmente perturbado não recebia quase compreensão nenhuma e pouquíssimo tratamento. Alegava-se que a mente era livre como causa eficiente e, por conseguinte, responsável pelo seu próprio estado. O ‘tratamento’ do indivíduo mentalmente perturbado consistia principalmente em incriminação e castigo, por causas tais como perversidade, bruxaria e possessão demoníaca. (SCHULTZ, 1981. p. 331).

Durante a Renascença, a situação se agrava, com a publicação do *Malleus Maleficarum*, mais conhecido como o *Martelo das bruxas*, que, nas palavras de Boring, autor da renomada obra *A history of experimental psychology* (1950):

é uma cruel enciclopédia sobre feitiçaria, a identificação de bruxas e as técnicas para examiná-las por torturas, e o procedimento adequado para sentenciá-las. ... Identifica bruxaria com heresia e, para nós, identifica bruxaria com distúrbios mentais, dos quais descreve minuciosamente muitos sintomas. (BORING apud SCHULTZ, 1981. pp. 331-332)

A atividade da Inquisição continua até o séc. XVIII, e só no séc. XIX o quadro se modifica, apresentando, ao mesmo tempo, mais racionalização e mais humanismo. A queda da influência da superstição religiosa abre espaço para que se iniciem investigações científicas para as causas das doenças mentais, basicamente por duas linhas, a somática e a psíquica, que, posteriormente, se desdobram na enorme quantidade de correntes e escolas que hoje se dedicam à mesma causa. Atualmente, já não se atribui ao paciente a culpa pelo seu transtorno; em alguns casos, inclusive, considera-se que o excesso de vigilância sobre a saúde física e mental pode ser responsável pelo desencadeamento de determinadas patologias.

Retomando o caso Tausk, sabe-se que a publicação de *Brother Animal*, que, a princípio, tinha por intenção a divulgação das contribuições de Tausk pra a psicanálise e o relacionamento dele com Freud, acabou por gerar uma série de controvérsias que dizem respeito à atribuição de culpas por seu suicídio a seu mestre. Apesar de Roazen não deixar implícita essa ideia, a própria falta de divulgação das informações por outras fontes, reforçada pelo silêncio que se criou em torno do caso entre os colegas de Freud, levou muitos dos leitores da obra a acreditarem que o autor estaria supondo que Freud poderia, de alguma maneira, ser responsabilizado pela tragédia de Tausk. Isso levou alguns dos seguidores mais fiéis de Freud a responder à provocação de Roazen através de artigos e livros, como *Talent and genius: a psychoanalytic reply to a defamation of Freud* (1971), de Kurt R. Eissler. Os dois autores continuaram a diatribe até que, segundo Roazen, um dos filhos de Tausk, Marius, escreveu uma resposta tão inteligente às últimas interpretações de Eissler que Roazen já não achou necessário prosseguir com o embate.

Na verdade, em *Brother Animal* são mencionados vários fatores que podem ser levados em conta por quem deseje investigar o caso do suicídio de Tausk. Na carta deixada para Freud, ele apenas diz que o seu suicídio não é um ato impensado, e sim algo que ele já vinha planejando há algum tempo, e que, por isso, ele deixaria esse mundo com tranquilidade. Roazen menciona em seu livro a tendência suicida de Tausk e associa os maiores motivos de sua decisão final a problemas não apenas em seu trabalho, mas também em sua vida amorosa: o fato de o suicídio ter-se dado de duas formas ao mesmo tempo, com um tiro e um enforcamento, seria uma representação desses dois problemas. É possível que muitas das controvérsias que vieram à tona com a publicação do livro tenham ocorrido apenas porque em 1969 muitas das desavenças entre Freud e seus discípulos, como o famoso caso envolvendo Jung e o mestre, ainda não tinham vindo a público. Não é tão simples o julgamento e a análise de muitos desses desentendimentos, e deve-se levar em conta, sempre, que estavam em jogo teorias que, por serem novas, careciam de uma certa dose de protecionismo por parte de seus criadores.

Roazen não recebeu apenas críticas negativas por sua publicação. Além de haver contribuído para o recrudescimento de muitas pesquisas científicas sobre as teorias de Tausk, a obra influenciou diversos artistas, que criaram obras em homenagem ao *Brother Animal*, como foi o caso de D. M. Thomas, que publicou um poema de quatro páginas intitulado *Fathers, sons and lovers* (1983) e de David Sale, que fez uma pintura com título homônimo ao do livro de Roazen e que está no Museum of Contemporary Art em Los Angeles.

## Conclusão

O que apreendemos das observações feitas sobre o imbróglgio gerado no meio psicanalítico a respeito da vida e obra de Victor Tausk, comparadas à obra de literatura eletrônica *The influencing machine of Miss Natalija A.* é que, enquanto as obras teóricas e biográficas surgidas para discutir o caso Tausk procuram expor e analisar as várias hipóteses possíveis, tentando preencher as lacunas que cercam o caso; a obra eletrônica prefere enfatizar o enigma que cerca a existência e a produção de Tausk, propondo, através da multissignificação das referências, várias leituras que se sobrepõem e que estimulam o aprofundamento, e não a solução do mistério. Enquanto obra de arte, a produção de Beloff ultrapassa a mera exploração intelectual dos fatos proposta pelas demais publicações, permitindo que o leitor mergulhe no enredo de várias maneiras, explorando sinestesticamente os delírios esquizofrênicos da paciente e de seu analista, e acompanhando o processo de devir que libera outras formas de apreensão da verdade. Nossa conclusão retoma o que foi dito por Deleuze acerca da relação entre a literatura e a saúde, sendo esta não apenas tema recorrente nos textos literários, mas também um benefício alcançado de uma forma bastante peculiar:

A literatura é delírio e, a esse título, seu destino se decide entre dois polos do delírio. O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda e oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura.” (DELEUZE, 1997, p. 15)

## Referências bibliográficas

- BECK, A. T. *Terapia cognitiva da esquizofrenia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BELOFF, Z. *Shadow land or light from the other side*. [FILME-VÍDEO]. Produção de Zoe Beloff, Direção de Zoe Beloff. New York, 2000. Filme 16 mm, 32 min. color. son.
- \_\_\_\_\_. *The influencing machine of Miss Natalija A*. Disponível em: <<http://www.zobeloff.com/influencing/influencing.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Where where there there where*. Disponível em: <<http://www.zobeloff.com/where/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- CANGUILLEM, G. *O normal e o patológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- EISSLER, K. R. *Talent and genius: The fictitious case of Tausk contra Freud*. New York: Quadrangle Books, 1971.
- GARCÍA-CAMBA, E. Neurose. In: GUTIÉRREZ, J. L. A (Org.). *Dez palavras-chave em Psiquiatria*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GARRAFA, Volnei. Bioética e manipulação da vida, in: NOVAES, Adauto (org.). *O homem-máquina*. A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HAYLES, N. C. *Electronic Literature: new horizons for the literary*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2008.
- HAYLES, N. Katherine; MONTFORT, Nick; RETTBERG, Scott; STRICKLAND, Stephanie (Eds.). *Eletronic Literature Collection*. Vol. 1. Disponível em: <<http://collection.eliterature.org/1/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Eletronic Literature Collection*. Vol. 2. Disponível em: <<http://collection.eliterature.org/2/>>. Acesso em 10 jan. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Eletronic Literature Directory*. Disponível em: <<http://directory.eliterature.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- KAFKA, F. *Um médico rural: pequenas narrativas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MOREIRA FILHO, A. A. *Psicoterapias de inspiração psicanalítica*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- ROAZEN, P. *Brother animal: the story of Freud and Tausk*. New Brunswick: Transaction, 1990.
- ROCCO, R. P. Relação estudante de medicina-paciente. In: MELO FILHO, J. de (Org.). *Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.
- SCHULTZ, D. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. New York: Dover Thrift Editions, 1992.

TAUSK, V. Da gênese do “aparelho de influenciar” no curso da esquizofrenia. In: BIRMAN, J. *Tausk e o aparelho de influenciar na psicose*. São Paulo: Editora Escuta, 1990, pp. 37-78.

TCHÉKHOV, A. *Enfermaria n. 6*. São Paulo: Veredas, 2005.

THOMAS, D. M. *Selected poems*. New York: Viking, 1983.

TURNER, C. *The influencing machine*. Disponível em:  
<[www.cabinetmagazine.org/issues/14/turner.php](http://www.cabinetmagazine.org/issues/14/turner.php)>. Acesso em: 10 jan. 2011.

ZOE'S world. Disponível em:<<http://www.zobeloff.com/pages/Zoe.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.